

HISTÓRIA, MEMÓRIA, COTIDIANO E SOBREVIVÊNCIA NO MANGUEZAL DA MICRORREGIÃO BRAGANTINA.

Alexandre de Brito Alves^{1}.*

1. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Pará (UFPA). *Correspondência: Cidade Universitária Prof. José Serafim Netto. Rua Augusto Correia, n. 01. CEP 66.075-110. E-mail: alexandrehistoria2010@yahoo.com.br.

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar o significado socioeconômico de uma vasta área de manguezal aos trabalhadores (coletores de caranguejo) que vivem na vila de Bacuriteua (PA). O estudo mostra a essencialidade desse bioma à sobrevivência de muitos sujeitos sociais que residem nessa localidade. A facilidade de acesso aos recursos, a procura no mercado consumidor e a ausência de outras opções de trabalho, fazem com que diariamente se busque no mangue crustáceos como alternativa à aquisição monetária. As dificuldades na labuta são superadas por meio de reciprocidades criadas pelos trabalhadores para vencerem os entreveros do ambiente. Baseado em fontes orais, o estudo concentrou esforços em analisar a interação homem e ecossistema costeiro, buscando compreender os usos e manejos dos recursos naturais, processo importante ao conhecimento histórico e antropológico da comunidade em pauta.

Palavras-chave: Memória, Manguezal e sobrevivência.

HISTORY, MEMORY, DAILY LIFE AND SURVIVAL IN THE MANGROVE OF THE BRAGANTINA MICROREGION

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the socioeconomic significance of a vast area of mangrove to workers (crab gatherers) living in Bacuriteua-PA village. The study shows the essentiality of this biome to the survival of many social subjects living in this locality. The facility of access to resources, the demand on the consumer market and the lack of other work options result, as an alternative, in the search for monetary acquisition in the mangrove. Difficulties in labor are overcome through the reciprocity created by workers in order to overcome the environment. Based on oral sources, the study focused efforts on analyzing man and coastal ecosystem's interaction, trying to understand the uses and management of natural resources, important process to the historical and anthropological knowledge of the community in question.

Keywords: Memory, mangrove and survival

INTRODUÇÃO

O artigo que transcorre é parte das pesquisas de um projeto científico financiado pela Pró-reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Federal do Pará (UFPA), intitulado “História e natureza: memórias, sobrevivências, famílias e relações de poder no mangue (Bragança-PA, 1975 a 1990)” iniciado em 2010 e terminado em 2012, sob a coordenação do professor e historiador Ipojucan Dias Campos, no qual o autor deste texto auxiliou-o quando bolsista. O espaço da investigação foi a vila de Bacuriteua¹, distante 8 km da cidade de Bragança². Foi neste local que se entrou em contato com sujeitos sociais que vivem da coleta de crustáceo no manguezal, os quais se denominam coletores de caranguejo-uçá (*Ucides Cordatus*), pois cotidianamente comercializam essa espécie no mercado regional e no Nordeste do Brasil (1).

É o cotidiano destes sujeitos que será apresentado no decorrer desta análise, à vista de perceber como eles vivem e lidam com a complexidade física do ecossistema costeiro em que atuam.

METODOLOGIA

A metodologia usada às questões expostas neste artigo consistiu primeiramente em realizar entrevistas semiestruturadas com os trabalhadores, em seguida fez-se as transcrições das mesmas. Este tipo de entrevista é caracterizado por Manzini (1990/1991) como realizada por meio de um roteiro prévio de perguntas pertinentes ao tema estudado. Essa formulação pode ser modificada no ato da conversa com o entrevistado, isso acontece pelo fato de o diálogo ocorrer de forma livre sem que entrevistador e entrevistado estejam presos a formalismos e padronizações (2).

Com esse método de investigação intencionou-se compreender como os coletores de caranguejo leem o manguezal, para, desse modo, analisar suas dificuldades em lidar com as complexidades existentes. Feito isso, prosseguiu-se com as leituras bibliográficas na busca por intercalar os dados encontrados na pesquisa com as produções existentes sobre o assunto. A perspectiva, com isso, é elucidar as

¹ Vila localizada a cerca de 8 km de Bragança. Tem uma população de 2.488 habitantes. Dado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (3).

² O município de Bragança localiza-se no Nordeste do Estado do Pará, a 210 km da capital (Belém). Sua população é de 113.165 habitantes. Constituída por 57.244 homens e 55.921 mulheres, sendo 40.570 a população rural e 72.595 a população urbana. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (3).

formas de sobrevivência de pessoas que dependem dos recursos da geografia em pauta para viver.

Assim sendo, os depoimentos orais foram primordiais às explicações expostas neste texto. De tais dados se utilizou como fonte a memória, que, segundo Portelli (1998), se impõe como primordial ao estudo do tempo presente, porque através dela pode-se conhecer os sonhos, as crenças, os anseios e as lembranças do passado de pessoas anônimas, que não têm nenhum *status* econômico, mas que viveram os acontecimentos de suas épocas, experiências que permanecem vivas em suas visões de mundo (4).

De acordo com Matos e Senn (2011) os testemunhos orais são substanciais na compreensão das sociedades atuais, permitindo ao historiador alargar seu campo de pesquisa (5), haja vista que conta com testemunhas vivas, repletas de experiências passadas, reminiscências essas que, segundo Portelli (1997), são sempre compartilhadas, pois os atos de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais, ainda que estejam sempre moldados pelo meio social, o que caracteriza a memória como um processo individual (que ocorre em um meio social dinâmico), a qual é repleta de instrumentos socialmente compartilhados, que somente torna-se concreta quando verbalizada por um sujeito (6). Porquanto, as lembranças de duas pessoas jamais podem ser exatamente iguais, como uma impressão digital. Desse modo o historiador aproveita as partes das lembranças que lhe interessa, busca relacionar umas com as outras, utilizando; assim, diferentes reminiscências para produzir conhecimento histórico.

Sobre a importância da memória na tentativa de compreender como os homens analisados nesse estudo interpretam seus “mundos”, incute-se como conceito a expressão “memória compartilhada” descrita por Clarck (1997), no qual a historiadora critica a expressão memória coletiva que, em seu ponto de vista, representa um termo criado por regimes totalitários para impor uma memória coletiva ao indivíduo (7). Por outro lado, a memória compartilhada “implica a existência de discurso em comum, de um conjunto comum de significados compartilhados que possibilitam às pessoas se entenderem” (CLARCK, 1997, p. 89). O termo compartilhar é imprescindível para se vislumbrar o sentido econômico, político e cultural que o manguezal tem na história de vida dos trabalhadores, uma vez que se tenta entrever, por meio dos elementos que compartilham a importância que tem esse ambiente às suas vidas. Nesse aspecto as análises das entrevistas traduzidas permitem entender o processo histórico a partir da conjuntura em que estes sujeitos sociais vivem no presente.

Portanto, seguem-se descrições de lembranças, medos, anseios, conquistas/perdas, concepções políticas/econômicas, enfim, uma série de domínios forjados historicamente pelos coletores de caranguejo para superarem os entreveros do manguezal e capturarem o crustáceo almejado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muitos trabalhadores que residem em Bacuriteua ou outras comunidades localizadas na Península Bragantina, diariamente, deslocam-se ao manguezal para fins semelhantes: capturar a maior quantidade possível de espécies para venderem nas zonas urbanas e rurais de Bragança. Dentre as espécies o caranguejo-uçá é o mais procurado pelos moradores. A intensidade dessa busca pode ser notada na grande procura de consumidores por este crustáceo, o que certamente propicia rápida comercialização. Mediante essa realidade um considerável número de pessoas utiliza a captura e a venda do caranguejo como uma forma rentável para custear economicamente as despesas exigidas ao sustento de suas famílias.

Por esse e outros motivos, explica-se que esse ambiente, do ponto de vista econômico, tem um significado singular àqueles que nele penetram, pois é representado como um terreno favorável a se angariar subsídios essenciais à sobrevivência humana. A relevância do ecossistema costeiro aos moradores da comunidade de Bacuriteua pode ser percebida nas expressões do entrevistado Manuel Soares da Paixão, quando o considera uma “roça”, porquanto dali vem:

A farinha vem o peixe, vem tudo: ali a roça dá tudo, dá a farinha, dá o dinheiro pra comprar o peixe, tudo mesmo, quem não tem roça trabalha no manguezal, é a roça, a roça dos pobre que mora aqui no beiradão, a roça deles é o manguezal, à gente dá tudo, dá a farinha, dá o peixe, dá a carne, lá dá roupa, dá tudo, né verdade³.

Assim sendo, o trabalho no manguezal é observado pelo experiente coletor como relevante à obtenção de variados materiais, desde as roupas até os alimentos, por exemplo, narrativa que permite pensar acerca de como este ambiente é significativo aos moradores de Bacuriteua, que sem outros recursos vivem do que o ecossistema oferece. Sobre isso, considera-se que a penetração e conseqüentemente a labuta no manguezal não decorre pela aceitação e reconhecimento por parte dos sujeitos entrevistados como sendo esta uma prática prazerosa e incólume, pelo

³ Entrevista com Manuel Soares da Paixão, Bacuriteua (PA), 24 de maio de 2011.

contrário, esse ambiente em muitas vezes é referido como um lugar perigoso e hostil à saúde dos trabalhadores. Não obstante, pela falta de recursos financeiros e empregos, muitos homens, ao longo da história, passaram a vê-lo como opção à aquisição de rendas e por isso nele penetram em busca de elementos necessários para satisfazer suas necessidades materiais.

Todos os sujeitos sociais pesquisados iniciaram o trabalho no manguezal na adolescência, e suas entradas foram incentivadas por pais, irmãos, primos, tios ou por amigos que os “conduziram” a essa prática. Oliveira (2013), ao fazer um levantamento quantitativo (em Bacuriteua) sobre que idades tinham os homens que entrevistou quando iniciaram no ofício de coletor, equaciona que 90% passaram a trabalhar no manguezal entre os 12 e 18 anos (8). Partindo dos levantamentos deste autor é importante perceber que essa atividade, na maioria das vezes, é iniciada em plena mocidade. As razões disso estão ligadas às condições de vida desses homens, que devido às necessidades de sobrevivência penetram ao manguezal, a maioria o faz após consolidarem famílias, pois, nesses momentos, o manguezal aparece como um meio econômico seguro para quem está desempregado e sem dinheiro.

É importante argumentar que os garotos, em função das contínuas jornadas na “profissão” aos poucos aprendem as técnicas de coleta, até tornarem-se independentes e realizarem as tarefas sem a orientação de outros. Nessa direção, compreende-se que muitos filhos seguiram e ainda seguem os labores de seus genitores, o que demonstra a existência (entre os moradores de Bacuriteua) de uma tradição familiar, que pode ser justificada pelo ganho rápido que a venda de caranguejo pode propiciar, como se lê na narrativa abaixo:

Eu sempre disse agora, porque antes, quando ele tinha 12 anos, ele já queria ir ao lado do pai, do tio já ir pro mangal, porque de manhã não tinha dinheiro, mas de noite já tinha, porque o caranguejo é rápido pra se buscar, um ganha pão, e ele tem uma produção melhor, o caranguejo. Então no final de semana o jovem já tem dinheiro pra curtir, pra fazer seus compromissos e tem dinheiro no bolso, porque é dinheiro que dá uma produção boa. Hoje não, a gente já ver a juventude na escola, a gente já ver a juventude se formando, quem tem curso, quem tem isso, quem tem aquilo. Então isto aqui eles estão aprendendo, mas catando caranguejo pra sustentar os estudos, pra poder ir pra escola, é catando caranguejo, o jovem masculino que não tira caranguejo, ele, cata pra estudar de noite, porque no final de semana tem aquela produção que é da despesa, né.⁴

⁴ Entrevista Pedro Paulo Farias do Rosário. Bacuriteua (PA), 19 de maio de 2010.

A narrativa do senhor Pedro Paulo Farias do Rosário discorre sobre a entrada de jovens nas coletas de crustáceo. Segundo o depoente, os meninos realizam as tarefas com fins econômicos (ganhar uns trocados), mas também para manterem as despesas com as atividades escolares. O colaborador relata que em sua juventude as oportunidades de empregos e de educação eram escassas e que por isso o serviço no bojo do manguezal era uma das únicas opções. Em seu prisma o presente propicia aos adolescentes maiores oportunidades na educação, porém ainda há carência de empregos o que, evidentemente, continua a conduzir os mesmos ao ecossistema costeiro.

Para Maneschy (2005, p. 136), nos últimos anos as “restrições na oferta de trabalho e empregos nas cidades da região [Amazônica] têm fornecido um contingente suplementar de mão-de-obra às atividades ligadas ao extrativismo de caranguejo” (1). Esses fatos decorreram em áreas litorâneas no Pará (como Bacuriteua) que a partir das últimas décadas do século XX impulsionou um significativo contingente de pessoas às atividades de extração, de modo que o alto crescimento demográfico, a pouca alternativa à aquisição de renda e a existência de um ambiente, no qual todos podem ter acesso, facilitou a ampliação desta atividade. Alves (2014) descreveu que o processo de exploração aplicou-se mais fortemente a partir de 1970 em razão do aparecimento da Rodovia PA 458⁵ (ligando Bragança à praia de Ajuruteua) que passou a intensificar a entrada de trabalhadores ao manguezal. Para o autor essa começou a ser construída em 1975, mas seu término e fundação apenas ocorreram em 1984 (9). Em 1991, quando o Estado do Pará estava sob a administração de Jader Fontenele Barbalho, foram feitos os últimos reparos na estrada, como asfaltamentos e consertos nas pontes. De acordo com a análise desse historiador, as razões que levaram à criação dessa via foi o desejo em desenvolver o turismo na região do Salgado, isto porque na década de 1970 havia interesse da elite política e econômica que administrava Bragança em obter ganhos com o projeto. Os defensores da construção da via argumentavam em favor do ideário de “progresso, desenvolvimento e civilização” que a região teria com o funcionamento da rodovia, entretanto, subjacente a esse discurso “estava em jogo, por parte dos idealizadores da obra, interesses individuais em ganhar com a especulação imobiliária na praia” (ALVES, 2014, p. 27). A estrada passou a ser trânsito para os turistas que aos finais de semana e feriados buscam Ajuruteua para o lazer e a diversão. A malha rodoviária, a partir de

⁵ A estrada corta grande parte do manguezal e serve como deslocamento aos coletores de caranguejo.

sua funcionalidade, passou a ser o principal itinerário de homens que trabalham no mangue.

Sobre o começo dos sujeitos sociais na atividade de coleta, percebeu-se por meio de suas lembranças, que as dificuldades iniciais são recorrentes, ao passo que muitos, por não conseguirem se adaptar aos pesados esforços que o trabalho exige, o abandonam no decorrer do tempo, optando por outras atividades como a pescaria ou/e a agricultura familiar. Entretanto, aqueles que conseguem se habituar às intempéries do ambiente, paulatinamente passam a manter, sobre este, relações de domínios constantes, e para conseguirem sobrepujá-lo tornam sólidas diversas estratégias de sobrevivências individuais ou coletivas; “ficando” em tal lugar durante muito tempo, só o deixando quando encontram outros trabalhos de viés menos cansativos e mais lucrativos. Alguns permanecem durante toda a vida, só o abandonando na velhice.

Enfim, só são possíveis suas permanências em razão dos conhecimentos que conseguem adquirir sobre os solos do manguezal, pois os mesmos com o tempo passam a balizar caracteres específicos de controle sobre o ecossistema, conhecendo as espécies e solos dele peculiar. A partir da socialização desses conhecimentos os trabalhadores aos poucos demarcam suas próprias lógicas de sobrevivências. Disto decorre que a sobrevida depende em muito da consolidação de reciprocidades que são criadas com as relações sociais compartilhadas no local de labor e isso se apresenta como fator crucial à continuidade das práticas que só podem existir pelas contínuas interações de saberes entre os trabalhadores no bojo da natureza.

Na concepção de Campos (2012, p. 133) o homem no manguezal elabora diversas histórias e “elas se organizam em meios a uma infinidade de razões”, elas são inerentes às ações desses trabalhadores nos campos econômico, cultural, social e político, elementos que não podem se desvinculados de suas vivências, “atuando transversalmente para forjar vidas e sociabilidades” (10). Com efeito, foi possível verificar que, mesmo com as contraposições iniciais, muitos lutam cotidianamente e com o tempo se habitua às rotinas cansativas, porquanto após algumas idas e vindas gradativamente começam a dominar as técnicas de trabalho. Aprendidas as manobras de domínios e conhecimentos das principais características da atividade no ecossistema, tornam-se tiradores “profissionais”, mantendo com a natureza um complexo elo de conhecimento e dependência econômica. Essa apropriação fica evidente quando se ouve nomes como: Fura da Ostra, Taicir, Bonifácio, por exemplo, que denotam as representações sociais dadas aos espaços em que circulam. São

esses e outros os locais nos quais entram, vasculham e tateiam os lamaçais em busca de caranguejo.

São várias as narrativas que rememoram os primeiros passos no interior do manguezal e é vislumbrado nas mesmas que a entrada nesse lugar, na maioria das vezes, está relacionada às dificuldades econômicas que os sujeitos sociais em análise vivenciam, e diante dessa situação o coletar do caranguejo apresenta-se como uma alternativa vigente para tentar amenizar os problemas financeiros e a falta de alternativa à aquisição monetária.

O colaborador André Tavares da Gama (de 57 anos de idade) ao ser perguntado sobre o início da atividade de coletor de caranguejo, respondeu que:

Foi de roça, isso era tudo na roça, batalhando só na roça mesmo, que quando eu era piquichito eu também trabalhava na roça, plantado, capinando, assim poço contar o começo. A primeira vez que trabalhei foi na roça, depois fui pescar. Lá, de maré, eu fui trabalhar pra colônia, porque veio um tio dela aqui [sua esposa] e convidou eu pra trabalhar pra colônia 47 e eu fui trabalhar pra colônia, trabalhei por lá e quando já tava numa idade boa eu voltei para cá. Assim, quando eu tava com 14 anos, 15 anos eu já podia toma conta de mim mesmo, já quando eu tava menor já me pediram pro meus país, quando eu tava com 15, 16 anos já fui por conta minha mesma trabalhar, que ele disse assim [os seus país]: - tu quer ir, vai! Aí foi que eu fui trabalhar, aí depois disso eu trabalhei, trabalhei daí vim pra cá, voltei eu fui pro 47 com o tio dela. Aí cheguei no 47 e fui trabalhar pra banda de lá, aí já conheci ela pra banda de lá, aí já fiquei gostando dela né e de lá já vim embora, lá atrás de mim ela veio. Aí foi quando eu comecei a trabalhar no manguezal, porque lá no Acarajó Grande a família dela trabalhava mais no manguezal. Aí eu não sabia tirar o caranguejo, aí eu já trabalhava pra poder aprender a tirar o caranguejo, aí meu sogro me levava eu comecei a aprender. Mas o início foi difícil, é é é, porque eu chegava lá, agarrava as unhas e largava tudo eu trazia só casco, eu não sabia, não tinha prática de trabalho. Mas depois aprendi a capturar o caranguejo e usar o instrumento com vara⁶.

Nota-se nas palavras do experiente trabalhador que os primeiros passos no manguezal (há trinta e cinco anos) decorreram em função do início de sua relação amorosa com Ironilde Ramos (sua esposa), de modo que a partir de então ele passou a se responsabilizar como provedor do lar, tendo como principal meta sanar as despesas financeiras que a vida conjugal exigia e, em função disso, a atividade na natureza tornou-se recorrente, pois, foi com os recursos daí advindos que ele

⁶ Entrevista com André Tavares da Gama. Bacuriteua (PA), em 12 de maio de 2010.

conseguiu criar e educar seus 8 filhos. Relembrou com veemência que realizou isso com muita dificuldade:

Eu tenho dito pros meus filhos: meus filhos naquele tempo era a maior dificuldade que eu trabalhei, lutando pra criar vocês, era a maior dificuldade, aí eu ia pra lá, ficava pensando neles, o que estavam passando, porque muitas vezes eu ficava comendo e pensando neles. Era outra coisa, só que esses filhos eu batalhei, batalhei, até! Eles foram ficando maiozinhos e me acompanharam pro mangue também, né! Aí já ficaram com medo de eu ir só e começaram a me acompanhar, mais foi uma dificuldade muito grande pra criar esses filhos, porque naquela época era ruim pra ter uma pessoa que dissesse assim: olha seu André eu vou lhe ajudar pra criar esses filhos. Não! Naquele tempo ninguém dizia isso, não tá fazendo muito tempo não, isso tá fazendo uns trinta é pouco anos, é coisa assim. Hoje em dia não é fácil, o governo está ajudando a gente, tá facilitando. Naquele tempo não! É como eu lhe falei naquele dia, naquele tempo pra gente comprar um lápis, uma borracha, era preciso esperar a galinha botar pra poder pegar um ovo pra ir comprar. Hoje dia não, é fácil, hoje em dia tem tudo pra gente, é o livro, é o caderno, é a borracha, é a merenda, é tudo tem! Até o carro tem pra carregar os alunos, é por isso que eu te disse naquele dia, que eu não tive como estudar, porque meu pai era pobre e minha mãe era pobre, aí como é que eu ia estudar e mesmo nesse lugar que não tinha nem quase professor, como é que eu ia estudar, eu não ia deixar meu pai, minha mãe morrerem de fome, eu não ia.⁷

Na longa conversa com o senhor André, ele relatou as dificuldades que enfrentou para criar seus rebentos, falou da carência de recursos na educação, da falta de dinheiro, da carência nos sistemas de transportes, da pobreza, do esquecimento por parte do Estado Brasileiro, enfim, uma série de dificuldades que lhe incitaram a ir ao manguezal em busca de meios para sobreviver.

Táticas de sobrevivência no manguezal

Além do extrativismo de crustáceo, outra forma de manutenção econômica dos habitantes de Bacuriteua é a atividade pesqueira realizada no porto de descarregamentos de barcos vindos de alto-mar. Também é recorrente a prática da agricultura. De fato, as pesquisas de campo mostraram que os trabalhadores, antes de iniciarem no extrativismo de caranguejo, sustentavam-se de outras práticas produtivas

⁷ Idem.

e a que mais se destacava era a agricultura familiar, que denominam “plantação de roça”. Na roça planta-se arroz, feijão e mandioca, por exemplo, culturas frequentemente permutadas na região Bragantina, destarte, para muitas pessoas, em tempo de escassez na produtividade, as investidas no manguezal passam a ser práticas econômicas seguras para alcançar as rendas que necessitam.

Há, por outro lado, aqueles que têm suas pequenas roças, mas que não são suficientes para arcarem com as despesas que precisam. Em casos como esse a labuta no sistema costeiro torna-se uma prática permanente, visto que ambas passam a contribuir na manutenção da casa. Sobre este último, o trabalho das mulheres (esposas) manifestava-se como fator essencial, uma vez que, quando há ausência dos maridos, seja por estarem no trabalho, seja resolvendo outras questões, elas assumem a responsabilidade em cuidar da agricultura, plantando; colhendo e vendendo a produção adquirida, participando comumente na manutenção da família. Homens e mulheres, desse modo, trabalham em conjunto a fim de criarem os rebentos.

Há também aqueles trabalhadores que, sem terras para investirem em plantações, acabam por viver basicamente da coleta de caranguejo ou pescaria de rede e/ou linha nas áreas costeiras de Bragança.

O manguezal, ao contrário do que se possa pensar, não é um local de fácil circulação, isso decorre, sobretudo, em razão de sua estrutura física, pois é, em sua maioria, composto de áreas de sedimentação lamosa e árvores que chegam a atingir 30 metros de altura (11), o que dificulta o andar em seu interior. Em seu bojo há inúmeros tocos e raízes expostas que, em uma pisada em falso, podem acarretar feridas ou cortes profundos, tal fato é inerente a geografia desse ambiente que se desenvolveu em uma região litorânea e tropical, banhado constantemente pelas águas proveniente do rio Caeté, isto é, o movimentar diário das águas salobras sobre a estrutura do ambiente, as águas sobem em horas de enchente e banham-no, conduzindo sedimentos finos e matérias orgânicas que se fixam.

Os trabalhadores não ficam à deriva em relação ao movimento da maré, haja vista que conhecem e seguem todo esse percurso, entrando no “mangal” no horário da vazante e saindo antes da enchente, acompanhando desse modo o agitar sazonal das correntes (12). Os conhecimentos empíricos sobre as águas que banham o sistema costeiro podem ser notados através do termo “marezada”, que foi explicado pelo senhor Valeriano da Silva Costa da seguinte maneira:

A marezada é a seguinte forma, porque o dia que se dá num ponto, que aonde se vai trabalhar se acha bem caranguejo, pra

fazer assim um produto bacana, aí vocês dizem assim, essa marezada pra gente foi boa, e quando não faz nada, diz essa marezada foi ruim, porque tem o dia que o cara não faz nada né, faz besteirinha.⁸

A marezada se refere à quantia de caranguejo que os coletores conseguem juntar depois de um dia de trabalho. Desse modo, o termo reflete o conhecimento sobre as águas do rio, ao passo que, os trabalhadores, para conseguirem entrar nos pontos de coletas, devem, em primeiro lugar, conhecer as condições regulares da maré. Oliveira (2013) argumenta que a maré influencia diretamente nas coletas de caranguejo, uma vez que, quando está em maior amplitude, tende a submergir o solo do manguezal, dificultando a captura, nesse caso é fundamental esperar a “vazante” para se poder executar as tarefas, porque nessas horas o manguezal está “seco”, facilitando a circulação dos homens (8).

Com relação a caminhada no ecossistema percebeu-se que esta ocorre com muita atenção e cautela, já que muitos afirmam terem sofridos ferimentos, alguns até carregam cicatriz que remontam aos descuidos no ápice das labutas, uma queda, um passo em falso, assentada de pés em raízes decliveis, que podem penetrar nas epidermes e impingi-lhes danos, por isso se dá passos cautelosos para não correr o risco de algum corte ou furada. O senhor Reinaldo Cunha, reclamou ter sofrido uma profunda furada no pé que lhe impediu o exercício do ofício durante alguns meses:

Teve um tempo aí que eu passei doente aqui [sua casa], passei o que: acho que uns três meses doente sem poder trabalhar, me furei no mangal, peguei um golpe aqui ó, nesse tempo eu trabalhava descalço, aparece malmente a marca, daqui a aqui: atravessou o pé, aí parei de trabalhar no mangal, aí fiquei esses três meses aí.⁹

Casado e pai de dois filhos, o trabalhador lembrou com veemência o tempo difícil em que ficou acamado, fisicamente impossibilitado, necessitou do auxílio financeiro de um “patrão” (o marreteiro seu primo) que lhe forneceu o dinheiro que precisava. Reinaldo não titubeou em falar das dificuldades durante sua vida enquanto coletor, entoando termos como: “o mangal é difícil”, “é perigoso”, significados que interligam sua conjuntura do presente a do passado. Assim como outros entrevistados, ele sempre utiliza representações do presente para “retornar” ao passado, este último é representativo em sua memória, pois é usado para exemplificar que no presente as

⁸ Entrevista com Valeriano Silva da Costa, Bacuriteua (PA), 14 de maio de 2011.

⁹ Entrevista com o senhor Reinaldo Cunha, Bacuriteua (PA), 21 de junho de 2011.

coisas são melhores. Extremamente apegado às coisas que viveu, a todo o momento dialoga com o pretérito para relembrar acontecidos individuais ou coletivos. Isso decorre pelo fato de que “a memória gira em torno da relação passado-presente [presente-passado] e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências relembradas” (13).

Assim, os sentidos das coisas que se lembra muda com o passar do tempo, dependendo das alterações sofridas pelas identidades pessoais, sendo o homem um ser em ininterrupta transformação física e de valores, as subjetividades, a partir de suas experiências com os fatos objetivos, mudam seus discursos. A memória, nesse sentido, se apresenta como manifestação legítima dos preceitos subjetivos adquiridos e se transforma a partir da conjuntura política, econômica e cultural que os sujeitos sociais experimentam ao longo da vida.

Memória e vivências no manguezal

Um aspecto relevante e recorrente é que a natureza (manguezal) também faz parte das lembranças dos homens, haja vista que eles não esquecem a paisagem em que circularam, aguçam os caracteres da mesma, algumas vezes denunciam as modificações impostas por outros sujeitos “inescrupulosos” que derrubam as árvores, matam ou caçam as aves do ambiente. Em substância, o espaço natural, igualmente, é lugar de recordações, visto que homem e natureza formam um elo consistente, a natureza não existe sem o homem, é esse que denomina e constitui o espaço natural, dá significado e a manobra no intuito de sobrepujá-la.

Compreende-se importante analisar as interações estabelecidas dos homens com o manguezal. Este, por fazer parte do universo natural é impactado pelas ações daqueles. Ao entrarem no ecossistema costeiro, os trabalhadores dão definições aos componentes nele existente, esses significados são importantes, pois é dessa maneira que eles compreendem o ambiente. O manguezal não influencia os homens como se fosse um fio condutor de ideias ou crenças, do contrário, são os homens que a partir do contato com este forjam (em seus cotidianos) novas concepções que se reiteram com as mudanças do tempo. Assim sendo, uma ponte, represa ou estrada, inevitavelmente impõem novos sentidos àquilo que se sociabilizou como natural.

É pelos argumentos apresentados que não se pode ler a extensa área de manguezal (220 km²) apenas como um componente natural, ela é, pelo contrário, uma espacialidade demasiadamente significativa para os moradores de Bacuriteua, pois é

o lugar em que retiram as componentes bases de suas existências. É por isso que o historiador deve estudar a representação social sobre esse meio natural, corroborando, dessa maneira, ao debate acerca da sustentabilidade e da preservação ambiental, uma vez que consulta as visões das pessoas a despeito dos projetos políticos-desenvolvimentistas, das mudanças geológicas, das práticas econômicas, etc. Enfim, uma série de saberes que podem ser construídos com e para as comunidades costeiras. O conhecimento histórico, desse modo, pode contribuir às tomadas de decisões acerca de políticas públicas direcionadas a tais comunidades, posto que as leituras levem em consideração as opiniões e conhecimentos empíricos dos trabalhadores sobre a biodiversidade do manguezal, além de apresentar suas realidades socioeconômicas.

CONCLUSÃO

Tentou-se analisar o significado do manguezal paraense aos trabalhadores que residem nas áreas litorâneas em Bragança-PA, na busca por compreender como este ecossistema é fundamental à sobrevivência dessas populações que, em razão da ausência de empregos veem na captura de caranguejo uma maneira de aquisição monetária. As dificuldades encontradas nos itinerários são solucionadas por meio das reciprocidades necessárias para superação de entreveros dos componentes da vegetação como: raízes, tocos, lamaçais; e de insetos como “Carapanãs”, “Maruins” e “Muriçocas”, elementos inerentes ao meio geográfico em pauta. Assim sendo, o artigo discutiu como os trabalhadores que residem em Bacuriteua relacionam-se cotidianamente com o manguezal.

O estudo se fez necessário para mostrar que, pelo fato de homens utilizarem os recursos do ecossistema para viverem, devem ser historicizados, pois o manguezal não pode ser apreendido como um lugar estritamente da natureza, mas como um território onde ocorrem laços de proteção e também união entre as pessoas que nele penetram, é o solo onde se coleta o caranguejo, que é essencial a manutenção econômica dos habitantes de Bacuriteua (PA).

Fontes:

Entrevista concedida pelo senhor André Tavares da Gama, 57 anos. Bacuriteua, 12 de maio de 2010.

Entrevista concedida pela senhora Maria Ironilde Gomes da Gama, 54 anos. Bacuriteua, 12 de maio de 2010.

Entrevista concedida pelo senhor Pedro Paulo Farias do Rosário, 52 anos. Bacuriteua, 19 de maio de 2010.

Entrevista concedida pelo senhor Benedito Faustino da Silva, 47 anos. Bragança, 24 de maio de 2010.

Entrevista concedida pelo senhor Elinaldo Gomes da Gama, 24 anos, Bacuriteua. 27 de junho de 2010.

Entrevista concedida pelo senhor Miguel Pinheiro da Silva, 67 anos. Bacuriteua, 08 de junho de 2010.

Entrevista concedida pelo senhor Reinaldo Cunha, 36 anos. Bacuriteua, 21 de junho de 2010.

Entrevista concedida pelo senhor Orivaldo Tavares da Silva, 52 anos. Bacuriteua, 03 de maio de 2011.

Entrevista concedida pelo senhor Valeriano Silva da Costa, 62 anos. Bacuriteua, 23 de maio de 2011.

Entrevista com Manuel Soares da Paixão, 56 anos. Bacuriteua, 24 de maio de 2011.

Entrevista concedida pelo senhor Benedito Pereira de Souza, 73 anos. Bacuriteua, 04 de fevereiro de 2012.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MANESCHY MC. Sócio-Economia: trabalhadores e trabalhadoras nos manguezais. In: FERNANDES MEB (Org.). Os Manguezais da Costa Brasileira. Maranhão: Fundação Rio Bacanga, 2005, pp. 135-164.
2. MANZINI EJ. A entrevista na pesquisa social. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.
3. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-2010). <[http:// www.cidades.ibge.gov.br](http://www.cidades.ibge.gov.br)>. Acesso em: 05 de nov. 2014.
4. PORTELLI A. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. In: FERREIRA MM, AMADO J (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
5. MATOS JS, SENN AK. História como fonte: problemas e métodos. In: Revista Históriae, Rio Grande do Sul, nº 2, v. 1, p. 95-108, 2011.
6. PORTELLI A.. TENTADO APRENDER UM POUQUINHO. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: Revista Ética e História do Programa de Estudos Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, nº 5, 1997.
7. CLARCK MM. In: Esquecendo Louise Rouget: o problema do individualismo, da coletividade e das lembranças não-compartilhadas na História Oral e na cultura dos Estados Unidos. In: Revista Ética e História do Programa de Estudos Pós Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, nº 5, 1997, pp. 85-97.
8. OLIVEIRA MV. Trabalho e Territorialidade no Extrativismo de Caranguejos em Pontinha de Bacuriteua, Bragança-Pará. In: Dissertação apresentado no programa de Pós-Graduação em Biologia Ambiental (UFPA). Bragança-PA, 2013.
9. ALVES AB. Estrada Bragança-Ajuruteua e a percepção dos trabalhadores do manguezal paraense (1975-1991). In: Revista A Palavrada. v.5.n.5. p. 26- 39.
10. CAMPOS ID. Cotidiano no manguezal: coletores e estratégias de sobrevivência na natureza, Bacuriteua-Pará (1975 – 1990). In: Revista História Oral, São Paulo, v. 1, n. 15, p. 131-157, jan.-jun. 2012.
11. FARIAS ASC, FERNANDES MEB, REISE A. Comparação da Produção de Serrapineiro de dois bosques de mangue com diferentes padrões estruturais na Península Bragantina, Bragança, Pará. Bol. Mus. Para Emílio Goeldi Ciências Naturais, Belém v. 1, n. 3, pp. 53-60, set-dez. 2006.
12. ROSSI M, MATTOS IFA. Solos de mangue do estado de São Paulo: caracterização física e química. In: Revista do departamento de Geografia, São Paulo, V. 15. 2002, pp. 101-113.

13. THOMSON A. RECOMPONDO A MEMÓRIA: questões sobre história oral e as memórias. In: PROJETO HISTÓRIA. N° 15: Ética e História Oral. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, 1997, pp. 51-71.

Recebido: junho / 2015

Aceito: agosto / 2015.

